



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

DAVID SANTOS SOARES

**GERAÇÃO DE MULHERES PROFESSORAS E FORMAÇÃO DOCENTE NO
MUNICÍPIO DE IPIRÁ/BA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

DAVID SANTOS SOARES

**GERAÇÃO DE MULHERES PROFESSORAS E FORMAÇÃO DOCENTE NO
MUNICÍPIO DE IPIRÁ/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa – apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para obtenção de título de Bacharel em humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Teodoro Trinidad.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

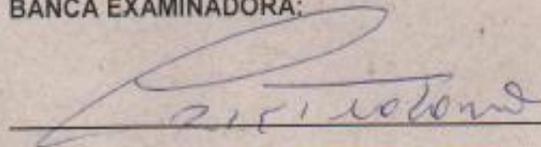
DAVID SANTOS SOARES

**GERAÇÃO DE MULHERES PROFESSORAS E FORMAÇÃO
DOCENTE NO MUNICÍPIO DE IPIRÁ/BA**

Trabalho de Conclusão de Curso – Modalidade Projeto de Pesquisa –
apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito
par obtenção de título de Bacharel em humanidades.

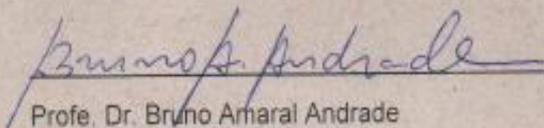
APROVADO EM: 24/12/2017

BANCA EXAMINADORA:



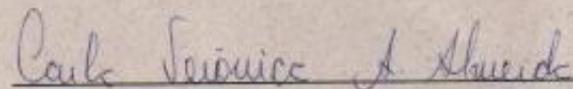
Profa. Dra. Cristina Teodoro Trinidad (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Profe. Dr. Bruno Amaral Andrade

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira



Profa. Dra. Carla Verônica Albuquerque Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	PROBLEMA	6
3	JUSTIFICATIVA	6
3.1	REVISÃO DA LITERATURA	7
4	OBJETIVOS	10
4.1	OBJETIVO GERAL	10
4.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
5	HIPÓTESES	10
6	QUADRO TEÓRICO	11
6.1	FORMAÇÃO DE PROFESSORES	11
6.2	GÊNERO	12
6.3	GERAÇÃO	14
7	METODOLOGIA	15
8	CRONOGRAMA	17
	REFERÊNCIAS	18

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela temática do projeto inicia-se a partir de inquietações próprias ao viver e conviver em uma família com mulheres professoras, que vêm exercendo a docência em escolas públicas de Educação Básica, no município de Ipirá, no interior do estado da Bahia. Ao mesmo tempo em que desenvolvem suas funções nos espaços escolares, se dedicam aos trabalhos no âmbito doméstico, cuidado dos membros da família.

De acordo com o livro “ A saga do camisão rumo a Ipirá” do autor Dilmear, o município de Ipirá, que antes era conhecido como “Camisão”, “Povoado do Camisão”, “Freguesia de Sant’Ana do Camisão”, “Vila de Sant’Ana do Camisão”, recebeu esses nomes porque o primeiro habitante trajava roupas estilo camisolões. Ipirá é uma das cidades mais antigas do estado da Bahia, existe desde o século XVI. Os primeiros habitantes foram os índios Gentios, uma ramificação da tribo dos Tupis, que em 1931 deu o nome como Ipirá, que, para os indígenas, significa “Rio de Peixe”, sendo o mesmo nome do rio que corta o município. Está localizado a 202 km de Salvador, as margens da BR-052 – Estrada do Feijão, fazendo parte da microrregião homogênea e administrativa de Feira de Santana, tendo uma população estimada, no ano de 2017, em 62.631 habitantes. Na Bahia, está entre os municípios com maior produção leiteira, havendo grandes investimentos no setor de couro.

Hoje, de acordo com dados da prefeitura, o município de Ipirá produz mais de 100 mil carteiras de couro por mês. Suas fabricações absorvem quase 70% da produção de couro. Dez anos atrás, uma fábrica, uma das maiores da região, começou fazendo menos de 200 carteiras por mês. Hoje, produz mais de 5 mil. É um mercado promissor para pequenos e grandes fabricantes, sendo que a produção é enviada, principalmente para Brasília e São Paulo.

Sobre as gerações de mulheres professoras, na minha família. A título de exemplo, tanto minha mãe quanto minhas tias e primas exercem o cargo de professoras. A profissão foi sendo assumida por mulheres de diferentes gerações de uma mesma família, sendo que todas elas estão nessa função há muitos anos, algumas já têm mais de 30 anos e não cogita em sair da sala de aula, alegando estar ali por “amor ao que faz” e que se aposentar, não lhe fará bem porque sentirá falta de seus “filhos” - para elas, com tanto tempo dentro das salas de aula, a escola já se tornou uma família.

De fato, a temática aqui apresentada suscitou o meu interesse ao perceber e começar a analisar que apesar da escolaridade precária dos membros de minha família, particularmente entre as mulheres, elas sempre se dedicaram e se esforçaram para fazer o que fazem. As mais jovens foram alfabetizadas pelas mais velhas, que eram suas tias ou suas primas. No início, as aulas eram desenvolvidas em suas próprias casas, ou na casa de vizinhos.

No Brasil, o magistério é uma área com maior concentração de mulheres. Vivencio esta realidade no âmbito de minha própria família e é com este olhar que viso compreender como foi à formação daquelas mulheres no magistério, já que, são visíveis - na minha percepção – a existência de muitas lacunas em suas formações, para serem professoras.

2 PROBLEMA

Considerando a realidade social, política e econômica do município de Ipirá e as informações mencionadas, cabe apresentar como problemática, a seguinte questão:

- ✓ Em que medida as mulheres de diferentes gerações de uma mesma família percebem suas formações, para o desenvolvimento da docência como profissionais da Educação Básica?

3 JUSTIFICATIVA

O presente projeto é sobre o tema das mulheres professoras, no âmbito da questão de suas formações. As poucas oportunidades de trabalho no município de Ipirá, fez com que as mulheres se dedicassem ao magistério, assim, era comum que muitas exercessem a profissão docente. Isso me fez questionar quais as condições, em termos de formação, elas tinham para ocupar aqueles lugares, pois, os cuidados da casa, dos filhos e o do marido desde sempre, foram realizados por elas. E, o trabalho docente exige muito, ou seja, as mulheres acabavam que ficando sobrecarregadas.

Este trabalho visa colaborar para uma reflexão sobre a feminização no magistério, principalmente por ser uma área de trabalho que passa de geração em geração, entre mulheres de uma mesma família. A questão, certamente ainda precisa ser mais bem trabalhada, já que, se trata de um assunto pouco abordado, no âmbito da pesquisa.

É possível compreender no período colonial o magistério passa a ser um espaço que propiciasse a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Por esse motivo, a pesquisa em questão tem importância e significado, já que, o processo ou fenômeno de inserção no mercado laboral, via docência, se repete na cidade em que resido e onde desenvolverei este projeto. Pesquisar como as mulheres, formam suas próximas gerações, é uma das principais contribuições do presente estudo, já que, poderá contribuir para análises mais aprofundadas, sobre a presença feminina e o mercado de trabalho, nas distintas famílias, particularmente, nas cidades de pequeno porte, no Brasil.

3.1 REVISÃO DA LITERATURA

A autora Vianna (2013), destaca que a feminização no ensino fundamental é um processo que faz parte das relações de gênero, para ela,

Em se tratando da docência no Ensino Fundamental, o processo de feminização do magistério passou a ser visto como um aspecto referente às relações de gênero presentes nas ações coletivas, organizadas ou não por mulheres. Esse processo expressava a divisão sexual do trabalho e a reprodução de um esquema binário que situava o masculino e o feminino como categorias excludentes e que dava sentido à história de professoras e professores e às suas práticas escolares. (VIANNA, 2013, p.160)

Na mesma direção, Aragão e Kreutz, evidencia que “a realidade construída acerca do papel feminino na sociedade permeia o âmbito doméstico, estando fortemente associada à maternidade e ao casamento.” (KREUZ & ARAGÃO, 2012, p.65). A feminização no magistério, é analisada por alguns autores como um avanço para as mulheres, já que, foi através dessa qualificação que elas conseguiam ter uma profissão, isto é, a docência permitiu com que elas não permanecessem envolvidas nos trabalhos domésticos. Com os anos, a carreira foi ganhando certo reconhecimento, sendo implementado o curso de graduação em pedagogia. De

acordo, com Vasconcelos e Felix, foi aos poucos que as mulheres entraram na profissão.

As mulheres foram ingressando no magistério aos poucos, conforme a própria evolução da profissão docente nas diferentes épocas, que remete a consolidação de um sistema de educação pública em fins do século XIX. Quando se fala da mulher no magistério, deve-se observar que a sua entrada no mercado de trabalho não aconteceu de uma maneira simples. Além disso, pode se afirmar que a docência foi uma das primeiras profissões aceita e reconhecida pela sociedade, a qual era permitida à mulher, desde que se observassem rigorosos padrões de comportamento tidos como padrões de "moralidade". (FELIX, VASCONCELOS, p. 278)

De fato, o ingresso das mulheres no mercado de trabalho não foi fácil, foi aos poucos que a sociedade, particularmente a família, foi aceitando. Sendo assim, a escola foi o espaço que admitiu uma imensa quantidade de mulheres com o papel de educadora, dessa forma, o magistério foi sendo demarcado como um lugar para as mulheres. Essa formação, era o que fazia com que elas pudessem ter um trabalho estável e digno, e, também, uma possibilidade para continuarem estudando, mesmo que a remuneração não era significativa e não havia muito reconhecimento da profissão.

A educação era a área de trabalho que as famílias aceitavam que mulheres, no século XIX, permanecessem, em caso contrário, elas deveriam ficar em casa e se casarem ou, deveriam se dedicar para os trabalhos do lar. Sendo assim, mesmo com a baixa qualidade de investimento na educação, as mulheres queriam ser professora.

Sá e Rosa (2004), salientam que as mulheres foram chamadas para a vida pública nas primeiras décadas do século XIX, ou seja, elas, antes do período, só podiam realizar alguma função se fosse ligada a rede privada, e, com o magistério elas puderam se relacionar com o poder público, ganhando assim, espaços que não eram permitidos. Nesse processo, o magistério se tornou um avanço para as mulheres, visto que aos poucos elas conseguiram ter a total permissão para lecionar e conseguir auxiliar com as atividades do lar, como afirma Aragão e Kreutz:

Desde pequena a mulher era criada para casar e ter filhos, sendo o casamento e a maternidade as únicas formas possíveis de realização feminina e, caminhando na mesma linha de pensamento apresentava-se a capacidade de ensinar. Em meados do século XIX, quando a inserção feminina no mercado de trabalho ainda era tímida, lecionar poderia ser a saída para as mulheres que desejavam se dedicar a outras atividades, sem precisar abandonar o lar e os filhos, já que era possível trabalhar somente meio período, recebendo um salário razoável e ainda ter tempo para cuidar

da vida pessoal. Dentro deste cenário, o magistério era visto como a extensão do lar, ou seja, um desdobramento de uma atividade naturalmente praticada, um prolongamento de educar os filhos, numa feliz combinação entre professora competente e dona de casa amorosa. (2012, p.65)

Para Vasconcelos (2008, p. 279), o exercer da função do magistério, desde as primeiras educadoras – as preceptoras, abriu a possibilidade de uma ocupação feminina, na qual elas “oficialmente instituídas (...) tornaram o seu ‘fazer’ uma ‘atividade profissional’ remunerada, representando a abertura do mercado de trabalho intelectual à condição feminina”. Ainda, observa que, nessa nova possibilidade de ocupação, a mulher não tinha apenas a função de ser uma “boa mãe e boa esposa para o marido” e para a sociedade, agora ela também poderia ter uma ocupação de cunho social."

No entanto, para o autor, por mais que a mulher tenha bons resultados com seus métodos e tenha sucesso na profissão, essas conquistas são atribuídas a sua “feminilidade nata” e, não, ao retorno do seu trabalho competente; quando muito se afirma ser um resultado de “treino” da prática profissional. Bruschini (1998 apud Vasconcelos, 2008, p. 283), argumenta que no decorrer da história, a ideia da vocação feminina para o magistério vem permeando a fala de educadores e educadoras. Assim, fica enraizada a concepção de que a mulher tem aptidões e tendências inatas para certas tarefas. “Influenciadas por essa ideologia, as mulheres desejam e escolhem essas ocupações acreditando que o fazem por vocação; não é uma escolha em que se avaliam as possibilidades concretas de sucesso pessoal e profissional na carreira”. Sobre estes papéis, Aragão e Kreutz:

(...)Esta confusão de papéis desperta nas professoras um sentimento de ambiguidade em relação ao aluno, variando entre o ódio e amor, uma vez que, ao olhá-lo como professora, percebe que este não corresponde ao ideal de estudante, educado e disciplinado e, ao observá-lo como mãe, sente que o mesmo deve ser protegido, formando, assim, uma relação de dependência. (ARAGÃO, KREUTZ, p.67)

Também, de acordo com os autores, Paulo Freire (1993) já discutia que a professora não deveria aceitar outra titulação que não seja professora. Sub-nomes como mãe ou tia, não lhe fazem jus, pois assim ela estaria renegando os seus direitos como profissional. “Quanto mais aceitamos ser tias e tios, tanto mais a sociedade estranha que façamos greve e exige que sejamos bem comportados”. (1993 apud VASCONCELOS & FELIX, 2013, p.281)

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

- ✓ Contribuir para a discussão sobre o fenômeno da feminização do trabalho docente e, conseqüentemente, o processo de formação.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Compreender quais são os fatores que levaram mulheres de diferentes gerações, a optarem pela formação e profissão docente;
- ✓ Analisar qual é a visão de mulheres e professores de uma mesma família, sobre suas formações para o exercício da profissão;
- ✓ Identificar até que ponto o contexto político e econômico do município de Ipirá, tem impacto sobre as opções profissionais de mulheres professoras, em escola pública.

5 HIPÓTESES

Diante do tema da pesquisa, surgiram-se as seguintes hipóteses:

- ✓ A formação recebida no magistério, gera reflexo nas práticas do cotidiano das professoras.
- ✓ As atividades escolares desenvolvidas recebem transformações a cada nova geração.

6 QUADRO TEÓRICO

O quadro teórico em questão, segue as orientações do Professor Antônio Joaquim Severino, em seu livro Metodologia do Trabalho Científico (2007). Ao nos ensinar sobre a estrutura para a elaboração de um Projeto, ele nos diz que tal quadro “trata de esclarecer as várias categorias que serão utilizadas para dar conta dos fenômenos a serem abordados e explicados”. (p.131). Sendo assim que - neste momento, podendo ser ampliadas - consideramos fundamental, para a análise dos dados que serão coletados, as categorias que seguem:

6.1 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

A formação de professores constitui elemento fundamental para se atingir os objetivos visados pela educação, uma vez que é o professor que, em sua prática, operacionaliza as grandes linhas propostas pelas reformas educacionais. Estas, por sua vez, devem estar adaptadas à realidade presente na sociedade em que se inserem. No Brasil, porém, nem sempre se respeitou essa vinculação da escola à sociedade. (VIEIRA & GOMIDE, 2008, p. 3835)

A formação de professores no Brasil recebeu grandes influências dos estrangeiros, antes da primeira guerra mundial. Primeiramente, o Brasil tinha como formação para os docentes as Escolas Normais, que tinham como base modelos europeus, a primeira aqui instalada foi no Rio de Janeiro, na cidade de Niterói, em 1835. Mas até o ano de 1870, não havia uma estabilidade, já que, durante esses anos, muitas fechavam e depois reabriam.

Com base no texto de Dermeval Saviani (2009) “Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro”, as Escolas Normais eram consideradas muito onerosas, ineficientes qualitativamente e insignificantes quantitativamente, pois era muito pequeno o número de alunos formados. Essas escolas tinham uma formação própria, que visava aos professores trabalhar com as crianças, sem considerar as práticas didático-pedagógicas, e, então, elas eram um meio de fazer apenas uma preparação com os professores.

A partir do golpe militar em 1964, houve modificações nos ensinos primários e médios e, então, foi instalado o magistério, que recebeu o nome de primeiro e segundo grau. Isso fez com que não existissem mais as escolas normais. De início, os

professores trabalhavam em suas próprias casas e os custos eram por sua conta, e também, não era exigido nenhum diploma ou certificação, para exercer a profissão.

Nesse período de existência do cargo de professor, foi, também permitido que as mulheres pudessem ir para escola, e, assim, tornou-se possível que elas se formassem como educadoras e ocupassem lugares no mercado de trabalho, como dito. Diante disso, percebe-se que a docência se tornou uma função feminina, não por reconhecimento de seu papel, mas, por utilização de seus atributos femininos. Quais são os motivos pelos quais os homens não estão na profissão docente, em sua maioria? As autoras Sá e Rosa, comentam

Mesmo depois de mais de cem anos, a evasão dos homens da profissão docente continua sendo justificada pelos baixos salários e pelo desprestígio da profissão. Catani, Bueno e Sousa (1989) afirmam que nos últimos tempos há um grande número de estudos ligados a profissão docente, utilizando a categoria gênero como uma possibilidade de enfatizar a voz e a condição das mulheres. (SÁ, ROSA, 2004, p. 01)

Ou seja, ser professora exige que faça um trabalho eficiente e, também, que tenha uma disposição ao que se faz, mas acontece que mesmo com todo esforço que muitos fazem e, principalmente, as mulheres, não tem a verdadeira valorização que deveria ter e nem mesmo o salário é condizente com o trabalho que é prestado, como, também, as condições profissionais não são das melhores e muitas vezes, são obrigadas a ampliar a jornada de trabalho, talvez em outras escolas, o que dificulta ainda mais, e tudo isso, pelo baixo salário que é recebido.

6.2 GÊNERO

Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais do que uma descrição objetiva de traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permite distinções ou agrupamentos separados. (SCOTT, 1989, p. 3)

Segundo a autora, o papel da mulher anteriormente era apenas no trabalho doméstico e a vida das mulheres era propriedade do patriarcado. As mulheres quando puderam ter o trabalho em fábricas eram elas subalternizadas e com baixa remuneração, dessa forma foi dado o início a luta de igualdade de gênero, para que as mulheres pudessem ter o direito ao voto e também, os direitos trabalhistas. A categoria gênero foi algo que passou a ser usada muito tarde, antes fazia se a

distinção entre os sexos, não havendo uma análise sobre o que hoje é considerado gênero. Como mostra Joan Scott (1989):

As preocupações teóricas relativas ao gênero como categoria de análise só apareceram no final do século XX. Elas estão ausentes na maior parte das teorias sociais formuladas desde o século XVIII até o começo do século XX. De fato, algumas dessas teorias construíram a sua lógica sob analogias com a oposição masculino/feminino, outras reconheceram uma “questão feminina”, outras ainda preocuparam-se com a formação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como o meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre os sexos, não tinha aparecido. (SCOTT, 1989, p.19)

Desde então, a divisão de trabalho entre homens e mulheres passou a ser analisada, fazendo assim distinções entre as profissões, e, dessa forma que o trabalho docente passou a ser também analisado a partir desta perspectiva. De acordo com Vianna:

Mas não se trata apenas da presença do sexo feminino, a entrada das mulheres no magistério deve ser examinada a partir das relações de classe e gênero. Podemos então lembrar que se trata de um dos primeiros campos de trabalho para mulheres brancas das chamadas classes médias, estudiosas e portadoras de uma feminilidade idealizada para essa classe, mas também protagonistas da luta pelo alargamento da participação feminina na esfera econômica. (2013, p. 164)

A partir das experiências adquiridas pelas mulheres, foi criado o feminismo que se tornou em um movimento político, buscando promover os direitos das mulheres e, defendendo a igualdade entre os sexos. Por meio de suas reivindicações é que as mulheres estão, a cada dia, avançando em relação à ampliação de seus espaços e ocupando as escolas e muitos lugares de destaques, porém, ainda estão distante de seus direitos plenos. Conforme, Vasconcelos e Felix, o ensino era caracterizado pelo gênero e isso levava que a aprendizagem havia distinção, entre os homens e as mulheres.

Na história da educação brasileira vemos que, a partir das últimas décadas do século XIX, o ensino torna-se gratuito e “aberto” a todos, e isso também incluía as mulheres. Porém, o ensino estava caracterizado por questões de gênero e o aprendizado para homens continuava diferente do aprendizado destinado às mulheres. Além disso, os professores, deste período, davam aulas para alunos do mesmo sexo que o seu, não havendo, exceto algumas experiências bastante discutidas, salas mistas. (VASCONCELOS & FELIX, 2013, p.276)

Quando se fala de gênero, já se interpreta que fala de mulheres, pois estuda as mulheres de forma separada dos homens, mas representa a busca e a luta de

igualdade, o gênero mostra a maneira como a mulher é tratada diante a sociedade, mostrando a importância da construção social entre homens e mulheres. A autora Scott (1989, p. 6), explica que a palavra “gênero” é sinônimo de “mulheres”, onde os livros vem ultimamente substituído o termo “mulheres” por “gênero”. Nessas circunstâncias, o uso do termo “gênero”, visa indicar a erudição e a seriedade de um trabalho, porque “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que “mulheres”.

O patriarcado coloca as desigualdades entre homens e mulheres de várias maneiras, a dominação vem da forma masculina, onde o homem que domina a mulher, do mesmo modo, a mulher também é vista como a chave da reprodução, pois é seu corpo que é usado para procriar e reproduzir a população. Isso tem impacto na carreira do magistério, já que, a estratificação da carreira e o rebaixamento salarial definiram e, continuam a definir, as profissões tidas em condições femininas quando comparada com os homens, havendo, assim, a demonstração da desigualdade.

Para a autora Vianna, (2013, p. 171), “as mulheres passam a ser geralmente associadas às atividades como alimentação, maternidade, cuidado e educação. Enquanto os homens são costumeiramente vistos como provedores e relacionados ao uso do poder.” Assim, compreende - se que os homens devem ocupar a colocação de poder e as mulheres, serem vistas no âmbito do privado.

6.3 GERAÇÃO

De acordo com o dicionário de língua portuguesa, “Mini Aurélio” (2010), a palavra geração pode ser classificada como ato ou efeito de gerar, como também, cada grau de filiação de pai para filho. Na forma contextual, a autora Moraes (2003), especifica geração como a maneira que as pessoas compartilham entre si as crenças, os valores, as convicções os estilos de vida, os modos de ser, de viver, de se comportar e de conceber o mundo transmutando-o, através das lentes do tempo. É, portanto, o sentimento de pertencimento a um grupo/faixa etária com uma identidade referencial articulada a contextos de produção e visões de mundo. Moreto (2015), discute gerações de professoras de escolas de classes multisseriadas no campo, e aponta que a palavra geração tem vários significados, sendo assim, possui atribuições e apropriações de sentidos distintos que será, conforme ao uso que dela fazemos.

A cada nova geração vai se ocorrendo mudanças na vida de cada um, tendo em vista que quando chega uma nova geração, ela não estará trazendo apenas a renovação, mas, também, viverá os princípios que as outras que a antecedeu, considerando que, a cada década em que se vive, deve se adaptar à aquela geração, podendo, assim dizer, que a cada década diferente será comum ter gerações diferentes. A partir das modificações e atualizações que vem ocorrendo pelo mundo, a educação passa por transformações, precisando que os docentes se adaptem a realidade daquele momento, fazendo, assim, com que as gerações deixem de seguir, o mesmo pensamento.

Nesse sentido, as narrativas das professoras, situadas na estrutura do século XX, no Seridó, retratam a repetição ou a transformação das dimensões pedagógicas vivenciadas por elas no modo particular de cada uma viver, pensar, trabalhar e organizar o saber escolar durante esse tempo. O tempo aqui é compreendido como um elemento cultural, pois diz respeito às práticas pedagógicas geradas num dado momento da história da educação e que permanecem ou se transformam conforme os costumes e as determinações da cultura escolar de cada geração. (MORAIS, 2003, p. 4)

Nas décadas passadas, não existiam muitas opções de trabalhos para serem escolhidos, foi então que a formação no magistério se aproximou das gerações de mulheres, já que, o trabalho docente, fazia parte de todas as gerações das famílias, principalmente, em relação às mulheres. Vasconcelos e Felix, evidenciam o dito:

Para a mulher do final do século XIX, até as primeiras décadas do século XX, não haviam muitas opções socialmente aceitas e reconhecidas. Dessa forma, ainda que concluíssem os estudos básicos, ao sair da escola, ou tornava-se dona de casa, por meio do casamento, ou iriam ser professoras. O lugar da mulher era, notadamente, o espaço privado. (VASCONCELOS & FELIX, p. 276)

Visto que, só tinham duas opções de colocação para as mulheres, muitas optaram para a docência. Inclusive as mulheres que serão pesquisadas, e, assim, continuaram entre o público e o privado, pois, dão conta da profissão e dos trabalhos do lar.

7 METODOLOGIA

A pesquisa será desenvolvida por meio da abordagem qualitativa, já que, essa permite aos pesquisadores coletar os dados a partir do ponto de vista dos

entrevistados, desde que esteja relacionado com o assunto. Como expressa Silveira e Córdova:

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens. (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, p. 32)

Assim, o uso do método qualitativo faz com que o pesquisador se envolva com o assunto, mas esse modelo não é representado em números, fazendo o uso apenas do aspectos subjetivos. Ainda, para os autores, “a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.” (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, p. 31)

Para a coleta de dados desta pesquisa, será utilizado à técnica de entrevista. Esse procedimento, para Britto e Júnior (2011), pode assumir diferentes formas, mas, independentemente delas, cada uma exige do entrevistador habilidade e diversos cuidados na sua condução. Por esse motivo, torna-se difícil determinar qual é a melhor maneira para se conduzir uma entrevista, porque dependerá sempre dos seus objetivos, assim como, das circunstâncias que as envolvem.

Os mesmos autores também apontam que ao realizar a entrevista é preciso prestar atenção para algumas desvantagens que possa haver para a sua utilização, que em determinadas vezes, seria melhor usar outras técnicas, assim, é preciso elaborar um roteiro da melhor maneira possível para que a coleta de dados, por meio de entrevistas seja suficiente para concluir uma boa pesquisa.

Considerando o exposto é que serão realizadas entrevistas com as mulheres e professoras de diferentes gerações. Os critérios para a seleção das mesmas, serão baseados tanto no tempo de docência quanto na faixa-etária, já que, como explicitado, elas também alfabetizaram umas às outras. As entrevistas seguirão um roteiro preestabelecido, com perguntas abertas, permitindo assim, que as entrevistadas se coloquem livremente. As entrevistas serão gravadas.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Milena Cristina; KREUT, Lucio Kreutz. **“A MULHER É NATURALMENTE EDUCADORA” Representações de professoras sobre a docência: entre discursos históricos e atuais.** Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 25, n. 1 - Jan./Jun. 2012 – ISSN online 1981-3082. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/7395>> Acesso em: 10 nov. 2017.

BRASIL.IBGE. **Histórico do município.** 2017. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=291400&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>> Acesso em: 26 set. 2017

BRITTO, Álvaro F. J.; FERES, Nazir Feres J. **A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos.** Evidência. Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

<http://consorciojacuibe.ba.gov.br/municipio-ipira-ba.php> . Acesso em: 26 set. 2017
<http://programatodososcantos.com.br/em-malhador-o-negocio-e-amansar-couro/>
 Acesso em: 26 set. 2017

COSTA, Dilmear. **A saga do camisão rumo a ipirá.** Revista da Região, n. 2, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: O dicionário da língua portuguesa/** Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição Marina Baird Ferreira. – 8. Ed. – Curitiba: Positiva, 2010.

MORAIS, Grinauda Medeiros. **O ofício da profissão docente pelas mãos de gerações sucessivas de professoras.** In: II CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2003, Natal. História e memória da educação brasileira. Natal: NAC, 2003. V.I. p. 1-8. Disponível em:<<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0506.pdf>> Acesso em: 27 ago. 2017.

MORETO, Charles. **Gerações de professoras de escolas de classes multisseriadas do campo.** 2015. 379f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SÁ, Carolina Mafra de; ROSA, Walquíria Miranda. **A história da feminilização do magistério no Brasil: uma revisão bibliográfica.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3, 2004, Curitiba. Anais do III Congresso Brasileiro de História da Educação. Vitória: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2004. P. 1-8. Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Coord/Eixo5/477.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40, p. 143-155 jan./abr. 2009. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>> Acesso em: 20 set. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2007, p. 131.

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**.

Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

Revisão de Tomaz Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J.

W..GenderandthePoliticsofHistory. New York: Columbia University Press, 1988. PP.

28-50.), de artigo originalmente publicado em: Educação & Realidade, vol. 15, nº 2,

jul./dez. 1990. Tradução da versão francesa (LesCahiersduGrif, nº 37/38. Paris:

EditionsTierce, 1988.) por Guacira Lopes Louro. Primeira versão americana: SCOTT,

J. W.. “Gender: A UsefulCategoryofHistoricalAnalysis”. The American

HistoricalReview, vol. 91, nº 5. (Dec., 1986), pp. 1053-1075.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica**. In:

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo

Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo

Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o

Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; FELIX, Ignez de Oliveira. **Histórias de vida:**

mulheres professoras e a escolha do magistério. Indagatio Didactica , vol. 5(2),

p. 273-288, outubro 2013. Disponível em:

<<http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2451/2322>> Acesso em: 20 out. 2017

VIANNA, Claudia Pereira. **A feminização do magistério na educação básica e os**

desafios para a prática e a identidade coletiva docente. In: YANNOULAS, Silvia

Cristina (Org.). Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações.

Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180.

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski; GOMIDE, Angela Galizzi Vieira. História da Formação de Professores no Brasil: o primado das influências externas. Anais do VIII Educere, PUC-PR. 2008. Disponível

em:<https://www.researchgate.net/publication/267782582_HISTORIA_DA_FORMACAO_DE_PROFESSORES_NO_BRASIL_O_PRIMADO_DAS_INFLUENCIAS_EXTERNAS>. Acesso em: 20 set. 2017